

RELATOS DE VIAGEM E A OBRA MULTIFACETADA DE MARIA GRAHAM NO BRASIL

*Maria de Fátima Hanaque Campos**

RESUMO — *O presente estudo visa a examinar a atuação de Maria Graham, uma das viajantes mais célebres que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX, como exemplo de sujeito que elabora experiências e interpreta-as através de linguagens literárias e visuais, afirmando assim a sua identidade feminina. Tal exame é realizado através da organização dos relatos de viagem, de pinturas aquareladas da flora tropical brasileira e da mulher negra. A estas experiências, deve-se acrescentar a de educadora dos filhos da Leopoldina, esposa do Príncipe Regente Pedro de Bragança e Bourbon do Brasil. Desta forma, ela constrói um exemplo de singularidade e autonomia feminina.*

PALAVRAS-CHAVE: *Relatos de viagem. Estudos de gênero. Iconografia.*

Em 1788, nasceu Maria Graham em Papcastle, na Inglaterra. Filha do almirante George Dundas da Marinha Real Britânica teve sua primeira viagem à Índia em companhia de seu pai. Em 1808, casou-se com o capitão Thomas Graham da Marinha Britânica e partiram para Índia, chegando em Bombaim em 1809. Em 1810, fez uma curta viagem ao Ceilão e iniciou os relatos de viagem descrevendo, com olhar de deslumbramento, a natureza exótica. De volta à Inglaterra, ela publica em 1812 o “Diário de uma residência na Índia”.

Anos depois, o casal parte para a América do Sul onde visitara tanto o Brasil como o Chile. Chegando às costas de Pernambuco em 21 de setembro de 1821, a bordo da fragata

*Prof.Titular (DCHF/UEFS). Doutora em História da Arte.
E-mail:fatimahanaque@hotmail.com

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Ciências Humanas e Filosofia. Tel./Fax (75) 3224-8097 - Av. Transnordestina, S/N - Novo Horizonte - Feira de Santana/BA – CEP 44036-900.
E-mail: chf.uefs@gmail.com

Doris, da Real Marinha Inglesa, comandada por seu marido, Capitão Thomas Graham, encontrara a província em conflito armado, que tinha por objetivo a deposição do governador português Luiz do Rego Barreto. Maria Graham ficou no navio ancorado a cerca de quinze quilômetros, na povoação do Beberibe, transformando-se em testemunha ocular do movimento que culminou com a separação daquela província da administração portuguesa:

O coronel, prevenindo que a cidade estava em estado de sitio, e que era incerto o novo ataque quer quanto ao tempo, quer quanto ao lugar, recomendou-me insistentemente que ficasse a bordo. Mas eu nunca tinha visto uma cidade em estado de sitio e por isso resolvi desembarcar. Por conseguinte o Sr. Dance, único oficial a bordo que falava português ou francês, foi incumbido de acompanhar-me. Levei também dois guardas-marinha, Grey e Langford, para procurar a Senhora Luis de Rego (GRAHAM, 1956, p. 108).

A missão na qual estava inserida, em meio às lutas pela independência, tinha o propósito de defender os interesses dos comerciantes ingleses, residentes no Brasil. Para a política externa britânica, interessava evitar que os franceses, ao ocupar Portugal, pudessem tirar proveito das colônias portuguesas, principalmente o Brasil, estabelecendo aqui uma área de influência. Da mesma forma, interessava à Inglaterra a vinda da família real, o que transformava o Brasil em sede da monarquia e o colocava sob influência britânica, auxiliando, assim, os projetos ingleses de conquista da América do Sul.

Sobre as tentativas das cortes de Lisboa para que o príncipe D. Pedro retornasse imediatamente à Europa, descreve o sentimento dos comerciantes ingleses:

Os brasileiros esperam ardentemente que ele possa ficar e alguns há que antevêm a possibilidade de se declarar ele abertamente pela independência

da terra. Qualquer que seja sua resolução teme-se que haja muito tumulto, se não uma guerra civil. Nossos comerciantes ingleses estão se reunindo, penso que com o fim de requerer a permanência deste navio, ao menos até que chegue uma força equivalente, temendo que suas pessoas e propriedades não fiquem em segurança, e todo o mundo parece um pouco ansioso (GRAHAM, 1956, p. 193).

Maria Graham interessou-se pelos assuntos do império britânico em cada um dos destinos visitados. Embora a coloque no centro do discurso colonial inglês, faz crítica aos ingleses que buscavam apenas interesse econômico no Brasil:

A sociedade dos ingleses é exatamente o que se poderia esperar: alguns comerciantes, não de primeira ordem, cujas reflexões giram em torno do açúcar e do algodão, com exclusão de todos os assuntos públicos que não tenham referência direta com o comércio particular, e de todas as matérias de ciência ou informação geral. Nenhum sabia o nome das plantas que cercam a própria porta; nenhum conhecia a terra dez léguas além do Salvador; nenhum sequer me sabia informar onde ficava a bela argila vermelha da qual se faz a única indústria aqui existente: a cerâmica. Fiquei, enfim, inteiramente desesperada com esses fazedores de dinheiro destituídos de curiosidade (GRAHAM, 1956, p. 162).

Entre os viajantes que chegaram à América no século XIX, Pratt (1999) através dos seus relatos de viagem, distingue os europeus que contribuíram para a introdução de novos territórios ao já conhecido e para a consolidação da expansão política e econômica do velho mundo.

A partir do século XV, as crônicas de viagem relatavam os fatos a partir de um conhecimento acumulado de gerações de aventureiros no mar, de técnicos como os cartógrafos, que buscavam traduzir as observações de forma precisa, mas tam-

bém, com um olhar ingênuo de um mundo novo, até então desconhecido.

Com o século XVIII, naturalistas e outros tipos de viajantes, movidos pelo ideal da ciência, inseriam-se em programas delineados por expedições científicas financiadas por instituições oficiais estrangeiras ou por subvenção real, com todo um funcionamento que vinha desde as instruções de viagem, a posição de destaque dos naturalistas, um programa adequado para a escolha do local das coletas, passando por seu envio e classificação, até os processos expositivos. Desta forma, conseguiram traduzir um esforço de classificação e sistematização do conhecimento e do contacto com culturas heterogêneas. No que se refere às impressões sobre a Bahia, Maria Graham apresenta um ambiente de contentamento, também observado através das imagens (Figuras 1 e 2):



Figura 1-Árvore no bairro da Graça (Bahia) notável pelas parasitas.
Desenho: Maria Graham, Data: 19 de outubro de 1821.



Figura 2 – A Árvore da Gamela, num jardim da Bahia.

Desenho: Maria Graham, Data: 25 de março de 1824.

Esta manhã, ao raiar da aurora, meus olhos abriram-se diante de um dos mais belos espetáculos que jamais contemplei: uma cidade, magnífica de aspecto, vista do mar, está calcada ao longo da cumeeira e na declividade de uma alta e íngreme montanha (GRAHAM, 1956, p. 204).

São considerados artistas-viajantes aqueles responsáveis pela produção iconográfica indispensável à complementação dos relatos de missões científicas ou diplomáticas, assim como estrangeiros em geral que estenderam seu período de viagem por um tempo maior.

Mary Louise Pratt (1999) dedicou uma atenção especial às narrativas femininas de viagem, destacando, entre outras, Flora Tristán e Maria Graham. Nelas, a viagem tem uma dimensão de procura de auto-realização pessoal, que se vincula de alguma forma com uma maior sensibilidade e subjetividade e para o reconhecimento das injustiças sociais. Daí que suas narrativas adquirem um caráter político identificando-se, sobretudo, com um discurso masculino.

Graham relata:

Desembarquei com um oficial logo que pude, principalmente com o objetivo de ver as tropas do Campo de Sant'Ana. Em conseqüência, porém, da requisição dos cavalos e burros, levou muito tempo até que eu pudesse obter uma sege que me levasse ali porque estava muito quente para ir a pé. Afinal consegui uma e resolvi procurar a viscondessa do Rio Seco, no meu caminho, para oferecer-lhe abrigo na fragata (GRAHAM, 1956, p. 120).

Deve-se focar, também, Maria Graham a partir do estudo de gênero de forma a estudar novas experiências históricas das mulheres, mas também analisar a dinâmica das relações de poder que as tornam possíveis e que formulam sem cessar as divisões sobre as quais está fundada a construção do gênero (VARIKAS, 1994).

Ela fez parte de uma geração que foi atingida pelas transformações de um crescimento econômico e de consolidação da cultura burguesa, sobretudo através de um novo modelo educacional. As mulheres deveriam ser educadas para executar seus conhecimentos dentro dos lares, no espaço doméstico. Entretanto, através dessa educação esmerada pode desenvolver uma vida profissional como escritora, ultrapassando o espaço doméstico e sentimental reservado para a mulher no século XIX.

Desde o final do século XVIII, as mulheres tinham uma relação com a escrita mais voltada para a estética, religião e moral. O interesse pela literatura surgem para Maria Graham desde a infância e proporcionou certa independência e a chance de experimentar a liberdade fora do mundo do lar burguês. O prazer pela leitura de clássicos da antiguidade grega ampliou a educação recebida no colégio.

A construção de autonomia feminina iniciou-se pela educação e em seguida pelas formas encontradas de afastamento do ambiente doméstico: as viagens marítimas, os relatos de viagens. A sua emancipação e convicção feminina serão colocadas nos seus textos, entretanto ao comentar sobre a vida de

mulheres em regiões como o Brasil, esboça uma imagem negativa relacionada com a vida doméstica, com a falta de modos civilizados e pouco ou nenhum hábito da leitura de obras clássicas.

O olhar sensível era então abandonado em prol de uma visão superior, européia, no encontro com o universo feminino de regiões como a brasileira, onde a estrutura econômica e social destinava às mulheres de origem ou descendência portuguesa um espaço circunscrito à casa senhorial, quer na área urbana ou rural.

Maria Graham escreveu sua autobiografia entre 1836 a 1842, com título “Reminiscências”. Trata-se de relato de passagens de sua vida em um período em que a escritora encontrase doente, próxima de sua morte. Nas suas memórias ela permitiu-se um exercício de escrita pessoal, colocando-se em vários momentos de sua trajetória de forma avaliativa, reflexiva. Entre os comentários, destaca-se a importância do processo de educação na formação do indivíduo e que foi fundamental também na sua vida, recordando-se do contato com os livros na escola onde ficavam soltos ao acesso das alunas.

I am sure that if I had a girl to educate I should turn her and her books loose together in the same way, for I am very grateful to those who, in my own instance, persued this plan. It gave me a habit of using whatever opportunity of improvement fell in my way, and as the books were not my own, I was obliged to think patiently about what I read, lest is should escape me beyond recovery (GOTCH, 1937, p. 44)¹.

Com os relatos de viagem, Maria narrou suas experiências durante os anos de 1821, 1822 e 1823, no continente da América do Sul. No “Diário de Viagem ao Brasil”, a escritora descreve fatos políticos sobre o movimento de rompimento e independência do Brasil em relação a Portugal, sobre as pressões da Corte de Lisboa para o regresso do príncipe regente à Europa. Também descreve cenas de contacto com a natureza, em busca do conhecimento dos recursos naturais locais de

interesse para o conhecimento estrangeiro sobre o Brasil. Mas não considerou este trabalho seu como de cunho literário, pois ao descrever o encontro com um personagem chamado Senhor P., que lhe conta sobre a história de um mulato remador que conseguiu enriquecer para comprar sua liberdade, considerou-se sem talento para escrever uma novela a respeito desse escravo, desenvolvendo apenas descrições sobre a natureza e desenhos que pudessem permitir que outros artistas se aproveitassem do assunto (KAISER, 1977, p. 22-27).

Após a viagem ao Chile, onde permaneceu o resto do ano de 1822, voltou ao Brasil em 1823, viúva, doente, e na qualidade de estrangeira sentia-se desamparada. Assim, requereu uma audiência, através de carta datada de abril de 1823, ao Príncipe Regente e a Leopoldina pedindo a sua proteção e obediência. Tempo depois, exerceu a atividade de preceptora de Maria da Glória, filha do príncipe regente D. Pedro, em setembro de 1824. No entanto, conflitos surgiram, pois seu modo europeu estaria ofendendo as famílias portuguesas que haviam deixado sua pátria (GONÇALVES, 2007).

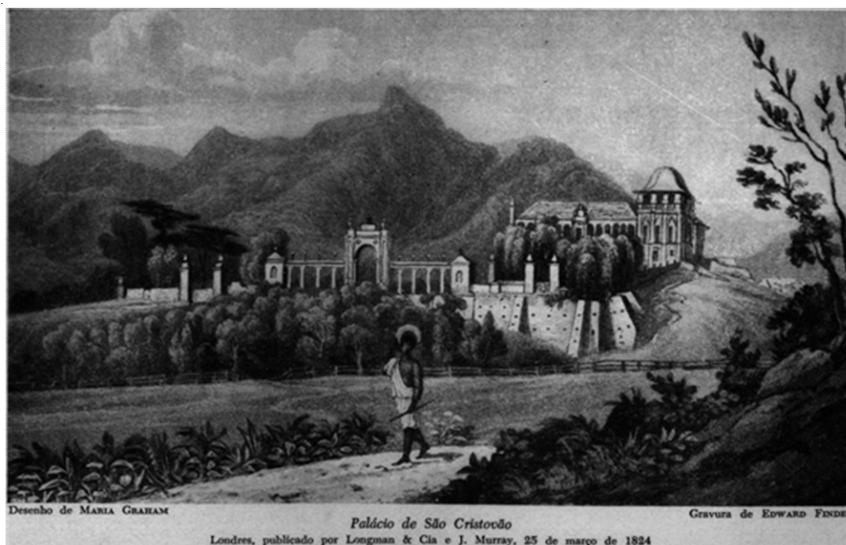


Figura 3 – Palácio de São Cristóvão.

Desenho: Maria Graham, Data: 25 de março de 1824.

Sobre a residência da Família Imperial, Maria descreve-o de forma a valorizar a construção arquitetônica como também na gravura realizada (Figura 3).

Fui hoje a São Cristóvão através de uma região muito bela. O palácio, que pertenceu outrora a um convento, é situado em terreno elevado, e construído um tanto em estilo mourisco, pintado de amarelo com molduras brancas. (...) A vista do palácio abrange uma parte da baía, e domina uma agradável planície, flanqueada por férteis colinas, uma das quais é coroada por belos quartéis que foram outrora dos jesuítas. Contornando o palácio, e indo mais para o fundo, alcancei uma plantação, que me pareceu mais confortável do que poderia crer que fosse possível. A Família Imperial vive agora toda aqui e só vai à cidade para negócios oficiais ou motivos de Estado (GRAHAM, 1956, p. 277).



Figura 4 – Ilustração da begônia.
1824-1825.

Durante os anos de 1824 e 1825, último ano de sua estadia no Brasil realiza ilustrações botânicas (Figura 4) e represen-

tações textuais sobre a natureza brasileira expressas na correspondência trocada com o naturalista inglês William Hooker, professor de botânica da Universidade de Glasgow, posteriormente diretor do Kew Royal Botanic Gardens de Londres.

Zubaran (2005) considera que as pesquisas sobre Maria Graham detiveram-se na análise de seus relatos de viagem sobre o Chile ou restringiram-se à interpretação do seu Diário de Viagem sobre o Brasil, relegando os dois últimos anos de sua estadia no Brasil ao anonimato. No entanto, é precisamente durante esses dois últimos anos no Brasil, após deixar sua posição como governanta da princesa Maria da Glória, que irá se dedicar integralmente à tarefa de registrar a natureza como artista-viajante.

Desse período resultou uma coleção de mais ou menos 200 ilustrações botânicas da artista de plantas coletadas ao redor do Rio de Janeiro, pertencente, até o momento atual, ao acervo do Jardim Botânico Kew Gardens de Londres. As ilustrações botânicas evidenciam espécies ainda desconhecidas, novas plantas exóticas, medicinais, também insetos como borboletas e pássaros.

A correspondência de Maria Graham com o botânico W. Hooker trouxe informações e experiências entre os botânicos, o dilema enfrentado pelos artistas naturalistas europeus que se deparavam com a exuberância e variedade da natureza brasileira.

As representações iconográficas e textuais da natureza de Maria Graham foram observadas a partir do papel da história natural na expansão imperialista britânica. A história natural, então, acabou estabelecendo não apenas um paradigma de cientificidade, mas estendendo igual procedimento para as suas representações no campo da cultura, como será visto a seguir nas imagens femininas. Constituiu a própria forma de perceber as relações da Inglaterra, ilustrada e racional, com o “resto do mundo”.

Não foi dissonante a realização de aquarelas com a representação de cenas sociais, imagens de escravos em diferentes tarefas, baianas livres vestidas com roupas típicas de luxo, senhoras portuguesas em trajes sérios e fechados. Estas ima-

gens representam um conjunto iconográfico da sociedade baiana do século XIX (Figura 5 e 6).



Figura 5 – Mulher do mercado, carregador de água.
Aquarela - 1821-1823.

Esse acervo foi adquirido em 1938 pela Biblioteca Nacional, que avalia em parte ter sido do punho da artista, devido a uma comparação com desenhos da Maria Graham contidas no acervo do British Museum, em Londres (ICONOGRAFIA, 2005).

Destacam-se imagens femininas observadas pela artista com representações da mulher escrava que inicialmente traz diferenças da imagem feminina europeia. Essa representação

com camisa branca, saia farta de tecido com estamparia colorida de motivos florais com acabamento de rendas na barra, tal qual um tecido adamascado, tendo um pano da costa por cima e sandálias nos pés, do tipo utilizado pelas mulheres portuguesas. Na cabeça vê-se um turbante branco e chapéu de largas abas por cima. No pescoço tem um adereço, um colar de cor vermelha. Os sinais permitem identificar a mulher negra como liberta quer seja pelo vestuário, quer seja pelo tipo de atividade de trabalho como sugere no título “mulher de mercado”, que possibilitava a alguma delas conquistar a alforria.

A segunda está representada de perfil, tendo a parte superior do corpo nu, com os seios à mostra, nota-se uma camisa branca ajustada à cintura que foi retirada dessa parte do corpo, talvez para facilitar na tarefa de carregar um grande vaso de cerâmica na cabeça. Usa ainda saia rodada de cor azul, tal qual um baetão, com pano da costa por cima. Encontra-se descalça, a segurar um cajado. Os sinais permitem identificar a mulher negra como escrava quer seja pelo vestuário, quer seja pelo tipo de trabalho realizado como sugere o título da gravura “carregador de água”.

Nessas representações, a artista viajante dá ênfase à exibição do corpo nu e à sexualidade exibida em espaço público e que produzem desconforto e crítica pontuados em trechos de sua obra “Diário de Viagem ao Brasil”. Segundo Gonçalves (2007), o privado europeu organizou-se em descontinuidade e tensão com a concepção da domesticidade luso-brasileira, em que apresenta ao lado da severidade da vida reclusa da mulher portuguesa, que no espaço da rua mantinha a distância ocultada por panos e pelo capote. De forma contrastante, encontram-se as representações das mulheres negras escravas ou libertas com modos lascivos em espaços públicos nas obras de vários artistas viajantes (Maria Graham, Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, Debret, etc.).

A linguagem simbólica apresentada nas aquarelas de Maria Graham traz aspectos da sexualidade e essa temática aparece também na sua escrita através de descrições sobre o desalinho das mulheres brancas e o vigor físico de escravas, a exibição de partes do corpo, não devidamente protegidas por corpetes

e espartilhos, apontada como forma de desalinho e ausência de formalidade.

Na Figura 6 observa-se a representação de uma mulher com traje de festa, usa camisa branca ornada com renda de cor azul tendo, sobre o ombro esquerdo, um tecido leve e florido tipo seda, saia rodada de tecido estampado florido com acabamentos de rendas na barra, tal qual um tecido adamascado, sapatos nos pés. Sobre o rico traje encontra-se adornando o pescoço da mulher duas correntes na cor de ouro com crucifixo e pendente, conjunto de duas pulseiras em cada braço e na cabeça tem um turbante branco com uma coroa de cor de ouro e brincos nas orelhas. Carrega na mão esquerda um guarda-sol.

Segundo Lara (2000), o traje acima descrito remete às formas de marcação e distinções na sociedade luso-brasileira, onde o “luxo” era atributo exclusivo dos brancos e que “os negros e mulatos das Conquistas”, fossem livres, libertos, não podiam dele se utilizar sem causar “inconveniências” (LARA, 2000). O luxo nos vestuários das escravas e diante de situações incomodativas de mulheres que andavam à noite provocou determinações legais por parte das autoridades do Brasil colônia. A falta de pudor atribuída à mulher ou o luxo a dar destaque a uma mulher negra ou mestiça remetia para a dimensão do vulgar.

Esses perfis representados pela artista viajante Maria Graham apontam para uma manifestação de impressões ambíguas, mas complementares. O discurso dos viajantes revela diferenças entre suas percepções e a de brasileiros e portugueses sobre a sociabilidade e os usos do corpo. O interesse estava no conhecimento do modo de vida local, caracterizando em sua diversidade, na ideia do exótico, do inusitado e gerando novo conhecimento para o europeu.

Contudo, no espaço urbano, a diversidade de hábitos, nos trajes cotidianos, usos de signos mágicos e amuletos, possibilitou determinado poder das mulheres negras no mundo feminino.

A obra multifacetada de Maria Graham foi estudada de forma a ressaltar que os escritos de viagem, desenhos, aqua-

relas combinam-se na projeção do sujeito para a descoberta do mundo, capaz de produzir uma profunda reflexão interna. Desta forma, Maria Graham construiu uma posição feminista a partir de experiências distintas de sexo.

TRAVEL ACCOUNTS AND THE MULTIFACETED WORK BY MARIA GRAHAM IN BRAZIL

***ABSTRACT:** This study aims to examine the role of Mary Graham, one of the most famous travelers who visited Brazil in the first half of the nineteenth century as an example of a subject who produces and interprets experiences through literary and visual languages, thus affirming her own identity as a female through the organization of travel accounts, watercolor paintings of tropical flora and the Brazilian black woman. To these experiments, it must be added that one of educator of Leopoldina's children, wife of the Brazilian Prince Regent, Pedro of Braganza and Bourbon. In this way, she establishes an example of uniqueness and female autonomy.*

KEY WORDS: *Reports of travel. Studies of gender. Iconography.*

NOTA

¹ Tenho a certeza de que se tivesse uma menina ao meu cuidado para educar, levá-los-ia (ela e os livros) a perderem-se mutuamente de uma mesma forma, pois eu estou muito agradecida àqueles que, comigo fizeram o mesmo (ou que na minha própria instância, perseguiram o mesmo caminho). Pois isso habituei-me a aproveitar todas as oportunidades que me apareceram, vistos os livros não serem meus (eu própria não possuía livros). Pelo que, tive de refletir pacientemente nos livros que tinha a oportunidade de ler, caso contrário escapar-me-ia sem possibilidade de os assimilar (Tradução M.F.H. Campos)

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Margareth de Almeida. “Viagem e Escrita de Si em Maria Graham. In: **Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas**. v. 29, n. 1, jan./jun. 2007. p. 110-122. Disponível em: <<http://www.editora.ufrj.br/rch/rch29n1/110-122.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2008.

_____. **Subjetividade e viagem em Maria Graham**. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/XXIII – simpósio/anais/margareth>>. Acesso em: 10 set. 2007.

GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria Lady Calcott**. The creator of little Arhur. London: John Murray, 1937.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma Viagem ao Brasil**. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

ICONOGRAFIA Baiana do século XIX na Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2005.

KAISER, Gloria. **Dona Leopoldina: uma Habsburg no trono brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LARA, Silvia Hunold. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (século XVIII). In: **Brasil: colonização e escravidão**. Maria Beatriz Nizza (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 177-191.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

VARIKAS, Eleni. Gênero, Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. In: **Cadernos Pagu: desacordos, desamores e diferenças**, Campinas, n. 3, 1994: 63-84.

ZUBARAN, Maria Angélica. “A vistosa vestimenta vegetal do Brasil”: Maria Graham e as representações da natureza tropical no século XIX. **Textura**, Canoas, n. 11, p. 57-63, jan./jun. 2005.

*Recebido em: 16/06/2008
Aprovado em: 18/07/2008*